



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES**

JOSÉ PEDRO DE CARVALHO NETO

A ESCRITA NO FÊMININ DE JACQUES DERRIDA

**ILHÉUS – BAHIA
2024**

JOSÉ PEDRO DE CARVALHO NETO

A ESCRITA NO FÊMININ DE JACQUES DERRIDA

Plano de estudos apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior como requisito para candidatura ao Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES), edital nº 30/2023, sob a orientação da Profa. Dra. Élide Paulina Ferreira.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada.

**ILHÉUS – BAHIA
2024**

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O objetivo deste plano de pesquisa é dar seguimento à investigação de doutorado que vem sendo realizada no Brasil, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGL/UESC), em parceria com o Departamento dos Estudos de Gênero da Universidade Paris 8, vinculado ao Laboratório dos Estudos de Gênero e de Sexualidade (LEGS, na sigla francesa), e a supervisão da Dra. Anne-Emmanuelle Berger.

No Brasil, o foco da pesquisa é investigar como se constitui, na obra do filósofo franco-magrebino Jacques Derrida, o que venho denominando de *escrita no feminino* (no feminino, não feminina ou de mulher, não feminista, não dual, não oposicional, não hierarquizante, não fonofalocêntrica — questões que apresentarei mais adiante). No exterior, pretendo aprofundar a discussão sobre gênero, e em particular o gênero e a sexualidade na e da escrita de Derrida, a partir das pesquisas realizadas tanto pela professora Berger, quanto por outros membros do LEGS.

Sendo assim, apresento, inicialmente, a importância não só da instituição em que será realizado o doutorado sanduíche, mas também a da supervisora, além de algumas justificativas e resultados esperados da parceria com o LEGS/Universidade Paris 8. Depois, apresento a proposta da tese em desenvolvimento no Brasil e o seu desdobramento no exterior, assim como seus objetivos e a metodologia. Na sequência, descrevo as atividades que serão realizadas no exterior e, por fim, as contribuições do estágio doutoral na instituição anfitriã.

O LEGS, fundado em 2015, é o sucessor, tanto no âmbito institucional quanto intelectual, do Centro de Estudos Feministas e de Estudos de Gênero da Universidade de Paris 8. Este último Centro foi fundado em 1974 por Hélène Cixous, e trata-se da primeira cátedra em Estudos de Gênero criada na França e um dos mais importantes centros de pesquisa no campo, em toda a Europa.

Hoje, o LEGS está situado no Campus Condorcet, que foca nas Humanidades e Ciências Sociais e conta com a parceria da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS); da École Pratique des Hautes Études (EPHE); do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS); além de universidades como Paris 8 e Paris Nanterre. Também, atualmente, o Campus Condorcet conta com a maior biblioteca com acervo sobre os Estudos de Gênero da França.

O corpo acadêmico do LEGS é composto pela diretoria, pesquisadores do CNRS, professores-pesquisadores, pesquisadores visitantes, doutores, bolsistas de pós-

doutorado, doutorandos e doutorandos visitantes. Em suma, o laboratório conta com a presença e colaboração de membros de várias instituições universitárias de todo o mundo, além de pesquisadores independentes. O laboratório ainda oferece escritório para seus pesquisadores, além de acesso à biblioteca mencionada anteriormente.

O LEGS é a primeira UMR¹ interdisciplinar dedicada aos estudos de gênero e sexualidade. Entendidos mais como um amplo campo de investigação do que uma disciplina, os estudos de gênero são abordados pelo LEGS (2023) em articulação com as Humanidades, as Ciências Sociais e as Artes. Além disso, as construções de gênero e as relações sexuais são compreendidas pelo LEGS (2023) como práticas sociais e simbólicas, públicas e privadas, coletivas e individuais.

As atividades de pesquisa do referido laboratório estão concentradas em quatro eixos. Todos eles têm relação com a pesquisa que venho desenvolvendo, a saber: 1) Emergência de teorias, difusão de conhecimentos, formação e transmissão de narrativas; 2) Pensar o corpo hoje: história, representações, performances, transformações; 3) Pluralidade de lógicas de dominação e formas de subjetivação; e 4) Gênero e pedagogias de transmissão: da análise à elaboração de novas práticas. Mais que isso, o LEGS ainda conta com um calendário de colóquios, conferências, palestras, apresentações, discussões, workshops, oficinas e seminários aos quais terei acesso.

As minhas atividades no LEGS serão supervisionadas por Anne-Emmanuelle Berger, doutora em Literatura Francesa pela Universidade de Paris 8 e atual Cátedra Visitante Melodia E. Jones no Departamento de Línguas e Literaturas Românicas da Universidade de Buffalo. Também, ela é ex-diretora e atual membro do conselho do LEGS, e está filiada ao Departamento de Estudos de Gênero e o Centro de Estudos Feministas e de Estudos de Gênero da Universidade de Paris 8 Vincennes Saint-Denis. Além disso, já ocupou importantes cargos na Cornell University, Northwestern University e Rutgers University.

Seus interesses de pesquisa estão em torno, dentre outros, dos seguintes temas: teorias de gênero, sexualidade e diferenças sexuais nos universos anglófonos e francófonos; fronteiras entre gênero(s) e espécie(s); literatura, filosofia e política; gênero e tradução; e feminismos e a filosofia da linguagem no Ocidente (séculos XX e XI). No campo dos Estudos de Gênero, a pesquisadora tem relevantes publicações,

¹ Unité mixte de recherche (UMR). Na tradução para a língua portuguesa: Unidade Mista de Pesquisa.

como, por exemplo, *The queer turn in feminism: identities, sexualities and the theater of gender* e « *Penser 'le genre' en langue(s). Ou : comment faire des études de genre en littéraire* ».

Somando-se a isso, a professora Berger é ainda autoridade nos trabalhos de Jacques Derrida e Hélène Cixous, autores fundamentais para pensar a tese de que Derrida performa uma *escrita no feminino*. Juntamente com Mara Negrón, ela editou *Lectures de la différence sexuelle*² (1994), uma coletânea de textos que foram proferidos em um colóquio homônimo, em que diversas/os autoras/es abordaram a questão da diferença sexual. O livro/a conferência é/foi aberto/a com a fala/texto de Cixous (1994), *Contes de la différence sexuelle*, seguido/a pela/o fala/texto de Derrida (1994), *Fourmis*.

Cabe ressaltar que venho estudando estes textos e que já traduzi para o português os textos *Fourmis*, de Derrida, e *Lignes de partage*, de Berger. Durante o período doutoral, pretendo ainda traduzir *Sexing differences*, da mesma autora, um texto que trata da relação entre diferença sexual e *différance* sexual, a partir de uma entrevista de Derrida (2019), intitulada *Coreografias*. Dito isto, a parceria com a Dra. Berger poderá: a) facilitar o processo de publicação dessas e de outras traduções no Brasil; b) estabelecer uma parceria internacional entre o LEGS e o Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz, que inclusive conta com uma linha de estudos de gênero; c) promover um possível encontro com a escritora, amiga e colaboradora intelectual-filosófico-poético-pensante de Jacques Derrida: Hélène Cixous; d) auxiliar na minha construção de um pensamento sólido sobre a escrita do filósofo Jacques Derrida, mais especificamente sobre a questão do gênero, o gênero em tradução e as indecidibilidades de gênero, assim como da diferença/*différance* sexual, trabalhadas por Berger.

Ainda sobre a singularidade dessa escrita, o trabalho desenvolvido pela professora Berger não só no campo dos estudos de gênero, mas também da desconstrução em interface com a literatura e a filosofia, a poesia, a questão animal, as

² Anne-Emmanuelle Berger escreveu não só o prefácio « *Lignes de partage* » como também *Le sexe du coeur*, textos que compõem *Lectures de la différence sexuelle*. Mais que isso, ela escreveu inúmeros outros textos sobre as obras de Derrida e também de Hélène Cixous, a saber : **Sexing differences** ; « *Ecrire le corps au temps du MLF* », in **Le Genre en littérature : les reconfigurations du masculin et du féminin du Moyen-âge à l'extrême contemporain** ; « *Appels* », in Marta Segarra (dir.), *L'événement comme écriture. Cixous et Derrida se lisant* ; « *Popularities of Language : Rousseau and the Mother-tongue* », in *The Politics of Deconstruction : Jacques Derrida and the Other of Philosophy*; e « *Féminités de la faim* », in *Masculin/Féminin dans la poésie et les poétiques du XIXe* ; e « **Comment un hérisson de paroles** », *Autour du travail de Jacques Derrida : Le Passage des frontières*.

políticas de linguagem, os feminismos e a filosofia ocidental e, sobretudo, o gênero, a língua, a voz e a tradução serão primordiais para que consiga avançar na tese de que a escrita de Derrida opera numa lógica não fonofalocêntrica.

Além das contribuições da professora Berger, com todo o seu arcabouço teórico no meu campo de estudos, estarei em contato não só com outros colegas e pesquisadores de várias culturas, filiados a distintas e renomadas instituições universitárias de todo o mundo, mas também com outras figuras ilustres nos Estudos de Gênero e da desconstrução, como é o caso das professoras Nadia Setti e Marta Segarra.

A experiência da Dra. Berger no campo da desconstrução, da obra de Jacques Derrida e de Hélène Cixous, e dos estudos de gênero aportará contribuições teóricas valiosas à minha tese, particularmente sobre as questões de gênero e sexualidade na obra e na escrita de Jacques Derrida.

2 A TESE

2.1. NO BRASIL

O objetivo da tese é investigar, na obra do filósofo franco-magrebino Jacques Derrida, como se constitui sua *escrita no féminin* (no feminino³, não feminina ou de mulher, não feminista). Além disso, pretende compreender como essa *escrita no féminin* abala o fonofalocentrismo (centramento na voz e na sua ligação supostamente natural com a verdade do homem de matriz greco-europeia), ao mesmo tempo em que assina/contra-assina as “diferenças” “sexuais” dos corpos (sexuais e escriturais) com os quais se relaciona.

A tradição filosófica ocidental, pelo menos de Platão a Saussure, rebaixou a escrita, por considerá-la usurpadora da fala, assim pondo em risco a verdade da fala do falo (DERRIDA, 1973). Por sua vez, ao inverter e deslocar os binômios que formam o edifício metafísico, dual, oposicional e hierarquizante, Derrida (1973) demonstrou que a

³ “Escrita no feminino” é a tese defendida por Andreia Carvalho (2018). Articulando os projetos de escrita não fonofalocêntrica de Jacques Derrida e escrita feminina de Hélène Cixous, Carvalho (2018) pensa a “escrita no feminino” não numa lógica da diferença sexual (dual e oposicional), mas sim de *diferenças sexuais* que envolvem as escritas, os corpos e suas vozes nas diferenças entre masculino e feminino, masculino e ele mesmo, e feminino e ele mesmo. Para ela, uma escrita no feminino não é uma escrita feminista nem uma escrita de mulheres. Pensada a partir da perspectiva da desconstrução, o idioma singular de Derrida movimenta a multiplicidade de diferenças sexuais que marcam a língua e o corpo/corpus. Para Carvalho (2018, p. 191, grifos da autora), “[...] a relação (de ex-apropriação) à língua constitui não somente a chance de re-invenção da língua mas também a chance de (des)identificação do ‘eu’ no interior da cena heteronômico-dissimétrica de um «corpo-a-corpo» onde, ao mesmo tempo, o ‘eu’ marca o ‘corpo’ da língua e a língua marca o ‘corpo’ do ‘eu’”.

fala já era uma forma de escrita, pois a tradição naturalizou o fato de que ela era mediação. Todavia, pensada desde a desconstrução, não mais participando do logocentrismo, a fala, e tanto mais a escrita, resta como excesso de mediação.

Nesse sentido, fala e escrita estão desierarquizadas e uma passa pela outra. Há, assim, voz na escrita e escrita na voz. Esse pensamento da passagem de uma a outra, de mistura e indecidibilidade, tem relação íntima com os dados biográficos do filósofo, nascido na Argélia, mas com nacionalidade francesa. Estar entre as bordas de dois continentes e duas culturas distintas sem dúvida impactou seu pensamento e sua filosofia.

Sendo assim, suas experiências singulares marcam o corpo da língua (a francesa, que, embora não seja sua, pois não é sua língua mãe, mas sim recebida do colonizador, é a única que tem) e vice-versa (Carvalho, 2018; Derrida, 2001b). No entanto, sua paixão por essa língua — que é sua, mas não lhe pertence — fez com que Derrida (2001b) a inventasse. Sua escrita, nessa língua, se abre à alteridade, numa hospitalidade sem condições (Derrida, 2003a), deseja o corpo a corpo com o outro (Derrida, 2011), se põe ao risco de ser lida como um poema (Derrida, 2001a), escapa do binarismo e demanda tradução (Derrida, 1973, 2003b).

Trata-se de uma escrita que fala sempre mais de uma língua. Uma escrita em que, no corpo a corpo (sexual e escritural), há mistura das vozes, dos seus sexos e gêneros, o que provoca indecidibilidades e disseminação dos sentidos. Dito isto, a escrita de Jacques Derrida é entendida aqui por suas bordas de indecidibilidade, *intraduzibilidade*, poeticidade, disseminação e de estar *no féminin*, elementos que abalam o fonologocentrismo. A tese, portanto, juntará todas essas as bordas do *corpus* de Derrida, com a promessa de relevar que sua *escrita no féminin*, não se enquadrando em uma lógica do *logos*, ainda assim, a partir dela, e de suas vozes em diferença, inclusive nas diferenças sexuais (Berger, 2005), a faz estremecer.

Há muitas pesquisas relevantes que enfocam a relação da filosofia de Derrida com a literatura (Nascimento, 2014, 2015); as questões de gênero, ética e feministas (Rodrigues, 2010; Carvalho, 2018); a escrita poética de Derrida (Magalhães, 2020); a hospitalidade (Cragolini, 2014), e sobretudo a tradução (Ferreira, 2003). No entanto, a interface entre os gêneros textuais e “sexuais”, escrita poética e disseminativa, hospitalidade e tradução que pretendo desenvolver é ainda incipiente e tem como promessa abrir um campo de pesquisas, no contexto da desconstrução, que problematize o trânsito transgressor não fonofalocêntrico das experiências no corpo/*corpus* de

Derrida. Nesse sentido, desdobrar esta investigação no exterior, a partir dos eixos de pesquisa do LEGS, será relevante para dar cabo desse empreendimento.

Vale ressaltar que a tese de Andreia Carvalho (2018) vai na direção da minha proposta de trabalho, embora ela tenha sido desenvolvida em um programa de Filosofia. A pesquisadora deteve-se a pensar na relação entre a filosofia de Derrida e a escrita poético-pensante de Hélène Cixous. Aqui, também, a relação entre a escrita poética, disseminativa e não fonofalocêntrica de Derrida com a escrita poético-pensante e no feminino de Cixous (1994, 2022) será fundamental para avançar na tese de uma *escrita no féminin*. Estudar a relação entre esses dois *corpus* “marginais” que escrevem com o corpo, entregues ao movimento da alteridade, abre um campo de pesquisa alargado, no âmbito dos estudos derridianos, em especial nos departamentos de Letras, na bordadura entre escrita, desconstrução e diferenças sexuais, o que se alinha com as perspectivas de trabalho da professora Berger, na França.

Também, um estudo não fonofalocêntrico traz para a cena da escrita (de Derrida) um corpo a corpo com o outro violentado, seja esse corpo o feminino, a tradução, a poesia ou os animais. Além disso, repensar a lógica do *logos* é também repensar a noção de humanidade. Nesse sentido, o diálogo aberto de Derrida com a tradição filosófica que lê revela sua hospitalidade para com esse outro de si, colonial, que no (per-/dis-)curso da história ocidental produziu violências de todos os gêneros (raciais, linguísticas, epistemológicas, éticas, ambientais). Por todas essas razões, uma aliança com o LEGS será fundamental para dar cabo desta pesquisa.

2.2. NA FRANÇA

Designadamente com corpo de homem, Derrida assinou textos como filósofo (da diferença, da desconstrução). Seu *corpus*, no entanto, não se enquadra com facilidade como textos-macho. A sua escrita desafia as leis dos corpos/*corpus* e seus gêneros, participando sem deles participar (Derrida, 2011), e desse modo se dá a ler na *différance* e na dança com as diferenças sexuais. É sobretudo nesta relação de Derrida com os textos, de múltiplos gêneros, vozes e sexos, suas diferenças, que pretendo aprofundar no estágio doutoral no Laboratório de Estudos de Gênero e de Sexualidade (LEGS).

A escrita de Derrida é uma dança da transformação, sua coreografia põe em jogo o roçar dos corpos/*corpus*. Seu corpo de homem, seu falo *circonfessado* e sua fala se transformam, se travestem em escrita. Há, pois, nesses jogos de escrita, a lei e sua transgressão. É aí que, como que mulher, o filósofo faz seu estilo e seus gêneros.

Derrida, transformista, transforma, dá forma à textualidade, ao gênero, seja ele textual ou sexual, que desconstrói, mas deixando sempre, de sobra, a sua assinatura poética, enigmática, in/traduzível, no limite.

Sua *escrita no feminino* é como a sedução da mulher, ela “[...] opera à distância, a distância é o elemento de seu poder” (Derrida, 2013, p. 31). Ela diz: *vem!, sim, vem me ler, traduzir* — assim a-traindo a tradução. Atração entre línguas que é também entre sexos. Para Derrida (1992, p. 172, tradução minha), cabe dizer, “[...] a tradução entre línguas ou entre sexos é quase a mesma coisa: ao mesmo tempo muito fácil, rigorosamente impossível, entregue ao acaso”.

Algo que me intriga e cabe investigação é a complexa questão da voz. Como abordar as vozes dos corpos/*corpus* [faladas/*escritas*] em/de Derrida? Também, como aproximar a questão da escrita, e suas vozes, à questão do feminino? Derrida (1992, p. 172, tradução minha) diz: “A voz pode ludibriar o ‘corpo’ que lhe é emprestado, pode ‘ventriloquizar-lo’ como se fosse tão somente intérprete ou porta-voz de outra voz, da voz de outrem, mesmo de uma polifonia inumerável e incalculável. Uma voz pode dar à luz, vede, outro corpo.”

Nessa declaração, Derrida (1992) aproxima voz e diferença sexual. E continua: “É talvez porque ali onde há voz, o sexo indecide-se.”⁴ (Derrida, 1992, p. 172). Nesse sentido, Derrida (1992) nos dá margem a pensar que a voz passa pelo corpo/*corpus*, mas não se limita a ele. Ao se desprender dele, ela se lança ao acaso de uma leitura, sempre única, sempre singular, do corpo que deverá lhe acolher na sua incondicionalidade. Nesse caso, qual será então o sexo da voz?

Carvalho (2018, p. 365, grifos da autora) diz que “[...] a voz, permanecendo sem referência topológica e sem lugar assinalável, abre a *chance* para pensar uma outra *diferença sexual*”, uma que se esquivava da lógica dual, oposicional e hierarquizante. De um lado, não está somente em jogo a histórica divisão masculino x feminino. Do outro, há também a relação entre o masculino e ele mesmo, como seus outros, e o feminino e ele mesmo, como seus outros. Sendo assim, revelam-se os outros não fonofalocêntricos como um feminino indecidível que faz parte da “diferença sexual” e como esta indecidibilidade “[...] testemunha o registo *imediate* e *incondicionalmente afirmativo* que caracteriza a relação ao outro como relação à língua *do* outro” (Carvalho, 2018, p. 285, grifos da autora).

⁴ Tradução de Andreia Carvalho (2018).

Mais do que essa pluralidade dos sexos e dessa abertura incondicional do(s) outro(s) não fonofalocêntricos às diferenças, resta ainda pensar a “verdade” da diferença sexual. Estando a diferença sexual em *différance*, sem que ambas jamais se encontrem (Derrida, 2019; Berger, 2005), “[...] a diferença sexual resta ser interpretada, decifrada, descriptada, lida e não vista. Legível, portanto invisível, objeto de testemunho e não de prova” (Derrida, 1994, p. 75, tradução minha).

Por fim, o aprofundamento das questões de gênero e sexualidade na obra de Jacques Derrida, com o apoio do LEGS e a supervisão da professora Berger, enriquecerá minha tese sobre a *escrita no feminino* do filósofo, que não avança senão com o diálogo com Hélène Cixous.

3 OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Investigar, na obra de Jacques Derrida, como se constitui sua *escrita no feminino* e como ela abala o fonofalocentrismo, ao mesmo tempo em que assina/contra-assina as “diferenças” “sexuais” dos corpos/*corpus* com os quais *conversa*.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar como o entrecruzamento entre as múltiplas vozes das diferenças sexuais e as indecidibilidades de gênero (filosófico, literário, autobiográfico) constituem a *escrita no feminino* de Derrida.
- Aprofundar no tema da diferença sexual e *différance* sexual, compreendendo como se dá o corpo a corpo de Derrida com o outro, a língua, a escrita, a voz e o gênero (*corpo/corpus*).
- Investigar a relação entre a escrita (*no feminino*) de Jacques Derrida e a escrita (no feminino) de Hélène Cixous.

4 METODOLOGIA

O trabalho adotará a abordagem qualitativa, de natureza interpretativista, e terá como procedimentos as pesquisas bibliográfica e documental, uma vez que os textos que compõem o *corpus* serão também compreendidos como documentos de análise. O *corpus* da pesquisa será composto por obras que tenham afinidade com as questões de gênero na obra de Derrida, assim como a sua relação com a obra de Hélène Cixous, a

saber: a) *Coreografias*; b) *Esporas*; c) *Fourmis*; d) *Gêneros, gêneses, genealogias e o gênio*; e) *Khôra*; f) *A lei do gênero*; g) *Véus... à vela*; e h) *Geschlecht I: sexual difference, ontological difference*.

Uma característica do *corpus* de Derrida é que a(s) temática(s) que ele discute não se concentra(m) em determinado trabalho, mas se encontra(m) disseminada(s) em suas obras. Sendo assim, neste trabalho, ler-se-á Derrida em Derrida, com/contra Derrida, mas não sem contar com as contra-assinaturas de outras(os) pensadoras(es), principalmente Anne-Emmanuelle Berger (2005) e Hélène Cixous (1994, 2022).

A pesquisa, dividida em três partes, adotará o procedimento bibliográfico, e consistirá na leitura, fichamento e análise — assim como na discussão com a supervisora no exterior — das obras de Jacques Derrida (lidas nos originais, mas também nas traduções para as línguas portuguesa e inglesa). O foco das leituras recairá, sempre, na interseção entre as temáticas sobre a indecidibilidade dos gêneros textuais, diferença sexual, língua, voz, *escrita no feminino*, a relação de Derrida com Cixous, além da perspectiva de tradução/desconstrução do filósofo.

O estágio doutoral terá a duração de seis meses, de junho a novembro de 2024. Nesse período, darei entrada nos trâmites acadêmico-administrativos e frequentarei as atividades regulares do LEGS (colóquios, conferências, palestras, apresentações, discussões, workshops, oficinas e seminários), assim como curso de aprimoramento da língua francesa, o que auxiliará nas análises textuais, principalmente no que se refere às transformações ocorridas na passagem do francês (de Derrida) para outras línguas (as traduções em português e inglês).

Sendo assim, inicialmente, analisarei o entrecruzamento entre as múltiplas vozes das diferenças sexuais e as indecidibilidades de gênero (filosófico, literário, autobiográfico) constituem a *escrita no feminino* de Derrida. Depois, aprofundarei no tema da diferença sexual e *différance* sexual, compreendendo como se dá o corpo a corpo de Derrida com o outro, a língua, a escrita, a voz e o gênero (*corpo/corpus*). E, por fim, investigarei a relação entre a escrita (*no feminino*) de Jacques Derrida e a escrita (*no feminino*) de Hélène Cixous.

5 CRONOGRAMA

5.1. O QUE JÁ FOI FEITO?

Até o momento de escrita desta proposta, já cumpri com a creditação requerida pelo PPGL/UESC (36 créditos em disciplinas). Além disso, publiquei um artigo (Cf. Carvalho Neto; Ferreira, 2023); conto com dois artigos em avaliação (nas revistas Estudos Feministas/UFSC e Memorare/Unisul) e um no prelo (Revista Educação & Comunicação/USP); e ainda aguardo a publicação de um livro (pela editora da UESC), em fase de editoração, resultado da minha pesquisa de mestrado, que se desdobra na da tese. Também, estou no processo de escrita de dois capítulos para o exame de qualificação, com data prevista para março de 2024, a se realizar, portanto, antes do estágio doutoral no exterior.

5.2. CRONOGRAMA NO EXTERIOR

Conforme combinado com a professora Berger, a previsão das atividades do doutorado sanduíche na instituição anfitriã deverá ocorrer entre junho e novembro de 2024.

ATIVIDADES	2024					
	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
Conhecer as instalações do LEGS e do Campus Condorcet, assim como o modo de operação do laboratório.	●					
Cursar aulas de francês.	●	●	●	●	●	●
Participar das atividades do LEGS que contribuam para o desenvolvimento da pesquisa.	●			●	●	●
Participar de atividades científicas, conforme orientação da supervisora no exterior.	●			●	●	●
Aprofundar discussões teóricas em colaboração com a coorientadora e colegas do laboratório.	●	●	●	●	●	●
Analisar as obras selecionadas.	●	●	●	●	●	●
Redigir um capítulo da tese.	●	●	●	●	●	●
Explorar possíveis colaborações acadêmicas entre o PPGL/UESC, o LEGS e os pesquisadores vinculados ao laboratório e filiados a diversas IES internacionais.	●			●	●	●
Participar de reuniões remotas com orientadora brasileira, sempre que necessário.	●	●	●	●	●	●
Apresentar os resultados para a comunidade acadêmica do LEGS.						●

6 RELEVÂNCIA DO ESTÁGIO DOUTORAL NO EXTERIOR

Como já mencionei, sediado no novo Campus Condorcet, o LEGS é herdeiro do renomado Centro de Estudos Feministas e de Estudos de Gênero da Universidade de Paris 8, criado por Hélène Cixous no início da década de 1970, inclusive com o apoio de Jacques Derrida. Trata-se de um centro de referência nesse campo de estudos não só para a França, mas para todo o mundo. Em minha estadia, contarei com o apoio administrativo da instituição, acesso a um escritório e à maior biblioteca com um acervo especializado nos Estudos de Gênero.

Desde o mestrado, venho estudando, em/com Derrida, as indecidibilidades de gênero (do corpo e do *corpus*) e tradução. Assim, na dissertação, analisei duas traduções brasileiras de *Orlando*, obra literária de Virginia Woolf, a partir dos rastros de gênero e sexuais pulverizados na obra de Derrida. Agora, na tese, pretendo levar adiante essa discussão, mas analisando o próprio *corpus* derridiano. Por essa razão, o trabalho da professora Berger em torno dos rastros de gênero e sexualidade na filosofia de Derrida, sua discussão sobre diferença/*différance* sexual, voz, língua e identidade, teatralização dos gêneros, e gênero e tradução darão uma grande contribuição à minha pesquisa.

Além do mais, sua expertise nesta escrita aporética, poética, ética (da alteridade), friccional e erótica entre os corpos/*corpus* de Derrida e Cixous serão de grande valia para a tese, principalmente por ter organizado a coletânea *Lectures de la différence sexuelle* e participado de estudos cruzados das obras desses dois autores. Em suma, estar sob a supervisão da professora Berger e em contato com pesquisadores especialistas nesse campo de estudos vai ampliar o meu conhecimento nessa área.

Outro ponto fundamental dessa experiência no doutorado sanduíche, para além de ampliar este gesto de traduzir (o pensamento de) Derrida, poderá, também, colaborar para que as/os teóricas/os com quem terei interação no LEGS tenham interesse que seus trabalhos sejam traduzidos para o português, consolidando ainda mais a rede de intercâmbio e a divulgação de pesquisas na área de Estudos de Gênero.

Por fim, será uma oportunidade de fortalecer a minha formação em nível de doutorado no âmbito não só da pesquisa, como pontuei anteriormente, mas também na consolidação do meu conhecimento na língua e na cultura francesas, exatamente em um ambiente (antes) frequentado por Jacques Derrida, seus estudiosos, seus comentadores e companheiros de trabalho.

Ademais, interagir com a Dra. Berger me permitirá ampliar os meus horizontes de pesquisa, consolidar os meus estudos na área e contribuir com o Laboratório,

apresentando e discutindo a minha pesquisa, dando visibilidade a como estamos abordando os estudos de gênero no Brasil. Espero, também, colaborar para a constituição de uma rede de colaborações internacionais entre os pesquisadores PPGL/UDESC que trabalham na área de estudos de gênero com os pesquisadores associados ao LEGS, de forma a fortalecermos as nossas ações de internacionalização no Programa.

REFERÊNCIAS

BERGER, Anne-Emmanuelle. Sexing differences. **Differences: a journal of cultural studies**, v. 16, n. 3, p. 52-67, 2005.

CARVALHO, Andreia Margarida Pires. **Aporias de uma «escrita no feminino»**. Derrida – Cixous. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018.

CARVALHO NETO, José Pedro de; FERREIRA, Élide Paulina. Tradução, promessa e dívida com Jacques Derrida. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 62, n. 2, p. 363-375, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/Sng7hRj3dPwYz7ctHZhv5KS/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

CIXOUS, Hélène. Contes de la différence sexuelle. *In*: NEGRÓN, Mara ; BERGER, Anne-Emmanuelle (ed.). **Lectures de la différence sexuelle**. Paris: Des Femmes, 1994. p. 31-68.

CRAGNOLINI, Mónica. Hospitalidade (com o) Animal. *In*: SAID, Roberto; SÁ, Luiz Fernando Ferreira (org.). **Jacques Derrida**. Entreatos de leitura e literatura. Tradução de Roberto Said. Cotia: Ateliê Editorial, 2014. p. 131-146.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane. Revisão técnica de Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003a.

DERRIDA, Jacques. **Che cos'è la poesia?** Tradução de Tatiana Rios e Marcos Siscar. *Inimigo Rumor*, [S. l.], n. 10, p. 113-116, 2001a.

DERRIDA, Jacques. “Coreografias”: entrevista com Jacques Derrida. [Entrevista cedida a] Christie V. McDonald. Tradução de Carla Rodrigues e Tatiana Grenha. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n150638/38954>. Acesso em: 22 nov. 2023.

DERRIDA, Jacques. **Esporas**. Os estilos de Nietzsche. Tradução de Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Nau editora, 2013.

DERRIDA, Jacques. Fourmis. *In*: NEGRÓN, Mara ; BERGER, Anne-Emmanuelle (ed.). **Lectures de la différence sexuelle**. Paris: Des Femmes, 1994. p. 69-102.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Ianini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DERRIDA, Jacques. **O monolinguismo do outro ou a prótese de origem**. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001b.

DERRIDA, Jacques. Sobreviver/Diário de Borda. *In*: FERREIRA, Élide Paulina. **Jacques Derrida e o récit da tradução: o Sobreviver/Diário de Borda e seus transbordamentos**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003b. p. 16-85.

DERRIDA, Jacques. The law of genre. *In*: LEAVEY, J. P. (Ed.). **Parages**. Translated by Tom Conley *et al.* Stanford: Stanford University Press, 2011. p. 217-249.

DERRIDA, Jacques. Voice II. *In*: DERRIDA, Jacques. **Points de suspension**. Entretiens. Paris: Editions Galilée, 1992. p. 167-181.

FERREIRA, Élide Paulina. **Jacques Derrida e o récit da tradução: o Sobreviver/Diário de Borda e seus transbordamentos**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. p. 16-85.

LABORATOIRE D'ÉTUDES DE GENRE ET DE SEXUALITÉ — LEGS. **Accueil**. Paris: LEGS, 2023. Disponível em: <https://legs.cnrs.fr/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

MAGALHÃES, Danielle. Jacques Derrida: O verso de tudo que eu escrevo. **Revista Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 14, n. 2, p. 12-26, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/9234>. Acesso em: 22 nov. 2023.

NASCIMENTO, Evando. Depois de Derrida: literatura, filosofia e pensamento. *In*: SAID, Roberto; SÁ, Luiz Fernando Ferreira (org.). **Jacques Derrida**. Entreatos de leitura e literatura. Tradução de Roberto Said. Cotia: Ateliê Editorial, 2014. p. 43-58.

NASCIMENTO, Evando. **Derrida e a literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução**. 3. ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

RODRIGUES, Carla. **Rastros do feminino: sobre ética e política em Jacques Derrida**. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.